

O Bullying nunca existiu

João Carlos Rodrigues Horta¹

RESUMO

O Bullying, fenômeno social muito difundido recentemente, apresentou-se como conceito com toda sua abrangência e alcance há pouco tempo, o que nos fez repensar nossa atitude perante o que ele representa e refletir sobre todo o seu histórico de descaso a que fomos submetidos. Não se trata este artigo de uma profunda análise do fenômeno, mas da contribuição acerca do posicionamento que passamos a adotar perante ele e de sua importância em busca da superação dos males por ele causados. O reconhecimento por parte de todos de sua inquestionável existência e dos mecanismos que levam a sua difusão, indubitavelmente, contribui com a diminuição dos alarmantes índices a ele atribuídos.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Fenômeno. Difusão.

ABSTRACT

Bullying has presented itself as a social phenomenon largely discussed, affecting our way of thinking about past events and approaches that we have been involved. This article aims to present different aspects regarding the effects of past approaches, its dissemination and the overcome of such traumas, based on its recognition, importance and the systems where it takes place among us. The recognition by all of us it's unquestionable existence and the mechanisms that lead to it's diffusion undoubtedly contribute to the reduction of the alarming indices assigned to it.

KEY WORDS: Bullying. Phenomenon. Dissemination.

¹ Psicologia e História (UNISAL) / Pedagogia (UNIG) / Pós-Graduação em Administração de Recursos Humanos (UNITAU) / Mestrado em Educação (UNIGENDAL)

Introdução

De alguns anos para cá fomos bombardeados por um novo conceito que permeia as relações sociais, seja num âmbito social mais amplo como a escola, seja num âmbito mais restrito como a nossa própria casa. Essa palavra, até então estranha a nossa rotina, trouxe consigo uma das demandas mais reprimidas ao longo dos tempos. Temos, sim, como novidade, uma palavra de origem inglesa que nos auxilia a tratarmos de um problema tão nosso e humano, que se desenvolveu com raízes profundas em nossa sociedade, deixando marcas indeléveis em considerável número de pessoas, ou até mesmo em todos nós, em maior ou menor escala. O conceito de Bullying passou a ser utilizado recentemente para representar um fenômeno conhecido por todos, desde a mais tenra idade, principalmente nos círculos escolares.

Segundo Reis et al. (2016, p. 103),

O termo Bullying, por ser de origem inglesa, ainda é pouco conhecido por muitas pessoas, é uma palavra utilizada para designar comportamentos agressivos no ambiente escolar, de meninos e meninas. Tais comportamentos ocorrem de forma recorrente e intencional. Dentre eles podemos destacar as agressões, os assédios, e a forma desrespeitosa na qual um Bully (agressor) recorre a suas vítimas. É importante destacar que as atitudes tomadas pelos agressores, geralmente são propositais, não apresentando motivo ou justificativa alguma, ou seja as agressões acontecem por aqueles que se julgam mais fortes apoderando-se da fragilidade de algumas pessoas, somente por diversão e prazer, a fim de maltratar, amedrontar, expondo as vítimas de forma constrangedora e humilhante.

O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de bullying (os bullies) para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio.

E os mesmos autores esclarecem:

É na escola onde acontecem as primeiras relações sociais e amizades, porém também nesse ambiente, tem ocorrido formas negativas de relacionamentos entre os alunos. Um desses acontecimentos chamamos de Bullying, caracterizado por comportamentos ofensivos de um aluno ou um grupo de alunos, para com outro indivíduo. Essa situação desencadeia graves consequências para suas vítimas, que apresentam sintomas como: ansiedade, isolamento, irritabilidade, agressividade, problemas afetivos e exclusão. (REIS et al., 2016, p. 102-103).

A forma mais corriqueira de Bullying a que temos conhecimento ocorre em nossas escolas, onde um sem número de alunos desenvolvem sua sociabilidade, ao mesmo tempo

que se deparam com os típicos problemas da infância e da promissora adolescência. Em meio a um turbilhão de novas sensações, emoções, experiências e alterações fisiológicas, a criança e o jovem tentam solidificar sua identidade, sua aceitação no grupo, mesmo sem saber muito sobre como isso ocorre e quais são as verdadeiras características que compõem ou estão em desenvolvimento em sua personalidade. Praticamente, todas as pessoas em alguma, ou em algumas oportunidades, foram, durante determinado período de tempo, agentes envolvidos em um contexto que o continha. Um sem número de casos ocorre indiscriminadamente, sem ao menos chegar ao conhecimento dos adultos responsáveis direta ou indiretamente por essas crianças e jovens, o que corrobora para agravar esses acontecimentos geradores de muita angústia e sofrimento. Nossa memória é recheada por lembranças nesse sentido. Os olhares sempre estavam atentos quando uma situação se transformava em mais momentos de constrangedor assédio, mesmo que não fôssemos naquele momento o alvo direto daquela agressividade incontida. Qualquer manifestação desse tipo levava a um desconforto generalizante. Tudo o que atingia alguns, na verdade, acabava por se transformar em algo que atingia a todos, das mais diferentes maneiras, sem deixar ninguém incólume.

Segundo Tognetta, Vinha e Avilés Martínez(2014, p. 316),

Questões de educação são relevantes hoje, em tempos líquidos, quando as relações são rápidas o conhecimento também parece estar diluído em tantas informações, sem mais distinção de tempo ou de espaço. Por isso faz diferença termos pessoas interessadas em temas como o *bullying*.

O fato de o tema ter conquistado tamanho espaço na mídia, em decorrência de casos que geram indignação de muitos ao verem os malefícios, por vezes silenciosos, causados às crianças e adolescentes, tornou o *bullying* assunto de interesse de todos – ou quase todos – da sociedade. Essa forma específica de violência merece nossa atenção exatamente pela complexa dinâmica das relações em que acontece. Esse problema é potencializado por valores presentes na pós-modernidade, os quais não evocam tolerância, justiça e respeito, como idealizamos, mas ter virilidade, força física e um corpo bonito; estar na moda; ser famoso. Todavia, não é primeiramente por influência desses valores que o *bullying* acontece, já que esta forma de violência depende de aspectos cuja natureza seja interior, ou dito de outra forma, como o sujeito se vê na relação com o outro e como se sensibiliza e equaciona os valores morais na relação com o outro. Antes de ser um preconceito, como tratado por diferentes ciências, o *bullying* é uma dinâmica profunda e sistemática que exige entendimento e compreensão da sua natureza psicológica.

De acordo com Reis et al. (2016, p. 107),

O aluno que é vítima de “bullying”, tende a se desmotivar em todas suas atividades, esse comportamento interfere principalmente no ambiente onde

ocorre. Quando o bullying acontece dentro da escola o aluno fica com receio de retornar ao ambiente escolar.

É preciso sempre fazer interferências para que o bullying não forme consequências drásticas no processo de socialização e aprendizagem dos adolescentes e crianças. Muitas vezes, aqueles que sofrem com este tipo de violência, mesmo recebendo ajuda não conseguem esquecer o trauma deixado e levam marcas por toda sua vida, por conta dos difíceis momentos que essas vítimas passam ficam angustiados e não conseguem esquecer tudo o que sofreram. Existem alguns casos que as pessoas que sofrem este tipo de violência ficam tão traumatizados e angustiados que cometem até o suicídio por não aguentar a pressão dos agressores.

A incidência desse fenômeno denominado de Bullying não tem lugar exclusivo para se manifestar, nem absolve totalmente as pessoas que coabitam em lugares privilegiados. Para Reis et al. (2016, p. 104),

Conforme observado por Silva (2010) o bullying acontece em todas as escolas, indiferente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos; e está presente, de forma democrática, em 100% das escolas de todo o mundo, públicas ou particulares, podendo variar os índices encontrados em cada realidade escolar. Isso decorre do conhecimento da situação e da postura que cada instituição de ensino adota, ao se deparar com casos de violência entre os alunos.

Há tempos, as reações a esses acontecimentos se davam das mais particulares maneiras; enquanto uns pareciam gostar imensamente do que presenciavam, chegando mesmo a colaborar com o agressor, o que é da mesma forma muito preocupante, outros se viam perturbados por se sentirem impotentes com aquilo que os incomodava intensamente. A reação sempre era um fenômeno à parte, já que o agressor também se mobilizava procurando conquistar o resultado que lhe conviesse para alimentar sua sede de poder, de perversidade, o que seria um tanto inviável se não existisse uma plateia ansiosa por aquilo. Ele, o agressor, se apresentava a todos, com o apoio manifesto, com o apoio silencioso, ou mesmo perante uma oposição que discordava abertamente daquilo.

O que é de notabilidade irrefutável é que não havia um conceito que o definisse por completo, que facilitasse o seu destacamento à frente de outros fenômenos corriqueiros e de menor relevância, o que colaborava com uma certa letargia perante ele e seus protagonistas. O que havia mesmo era a percepção daquilo como nocivo para o convívio e desenvolvimento de todos os nossos jovens, e uma atitude, às vezes, de imparcialidade por parte dos responsáveis, que viam na obrigação de tomar a frente na busca de solução para esses conflitos como simplesmente uma espécie de oportunidade de se projetarem coercitivamente para com os envolvidos, desobrigando-se de abordar o

problema em sua natural complexidade, o que da mesma forma sugeriria ações proporcionais e abrangentes.

De acordo com as análises de Pereira et al. (2015, p. 543),

Com este estudo foi possível perceber que é possível a elaboração de um programa de intervenção baseado na escola e que envolva toda a comunidade escolar. Os resultados apresentados na etapa pós-intervenção, permitiu-nos evidenciar que, a curto prazo, a redução do comportamento agressivo e da vitimação foi satisfatória. No entanto, ressaltamos a necessidade da escola amplificar o programa de intervenção numa perspectiva de obter resultados também a longo prazo, bem como ter a capacidade de monitorar os fatores desencadeadores e protetores do *bullying*. E, neste caso, que envolva um trabalho permanente de formação docente, sensibilização dos pais com reuniões periódicas, estratégias individuais que possam trabalhar com as crianças de risco e encaminhamentos de crianças para alguma especialidade. Pensamos que foi realizado um bom trabalho de sensibilização para a problemática e as crianças ficaram mais capazes de lidar com o problema ou ajudar outras crianças a enfrentar as situações.

Nesse sentido traçamos algumas recomendações para o aproveitamento dos Programas de intervenção na prevenção do *bullying*:

Intensificar o papel dos recreios e atividades de lazer e desporto, ressignificando o ambiente escolar enquanto locus de formação cidadã e desenvolvimento saudável;

Fortalecer parcerias com outras instituições, como serviços de saúde, áreas do lazer e cultura, formação artística, bem como o núcleo familiar possibilitando o atendimento das demandas da criança em seu pleno desenvolvimento, inclusive em situações críticas e de vulnerabilidade a exemplo do *bullying*;

Garantir que a política *anti bullying* faça parte do projeto educativo da escola, que para além da formatação curricular, preocupa-se com a qualidade de vida das crianças;

Abrir um diálogo para que os profissionais da saúde possam efetivamente contribuir com ações de promoção à saúde infantil e de apoio a prevenção do *bullying*;

Identificar os casos efectivamente problemáticos de crianças agressoras ou agressoras/vítimas (normalmente identificados pelos professores e funcionários) e encaminhá-los para acompanhamento da equipa de saúde escolar e encaminhamento para o médico de família para posterior acompanhamento por psicólogo ou pedopsiquiatra;

Diagnosticar os casos de crianças vítimas pela observação, questionamento, “caixa de preocupações e sugestões” e encaminhar estas crianças para acompanhamento da equipa de saúde escolar e encaminhamento para o médico de família para posterior acompanhamento por psicólogo ou pedopsiquiatra.

Se a totalidade das crianças beneficiou do programa de intervenção implementado, os observadores aprendem a ser mais assertivos e desenvolvem o sentido de justiça, aprendem a defender os seus direitos democráticos e dos outros colegas, as vítimas aprendem que muitas outras crianças estão em sofrimento e que a culpa não é delas, mas de quem as está a maltratar no dia a dia, para os agressores, é-lhe dada a oportunidade de se colocarem no lugar do outro e, assim, perceberem o mal que estão a causar a alguns colegas e as vítimas provocadoras vão ser mais vezes confrontadas com as situações de mediação pelos pares.

Esses fenômenos, tão repetitivos dentro do convívio entre as crianças e os jovens, o que não priva necessariamente os adultos de tal desconforto, não se restringem

exatamente ao fato em si, apontam para a existência de um contexto muito mais profundo e complexo. O agressor, que pode inclusive alternar de papel, não está apartado de um contexto maior; na verdade, é produto de um meio, tão comprometido como o seu próprio comportamento. Esse cenário denota que muita coisa se distanciou de sua condição salutar, que os jovens com sua característica imaturidade acabam também por reproduzir aquilo que vivenciam no seu dia a dia, espelhando-se em pessoas e acontecimentos que os induzem a agir dessa forma reprovável. O fenômeno do Bullying não deve se restringir ao fato somente, deve abarcar tudo o que o envolve, buscando nas camadas periféricas as explicações para esse sintomático comportamento. Portanto, o Bullying, como um conceito fechado que representasse o fenômeno do assédio físico e moral em toda sua plenitude, “nunca existiu”, se nos atermos ao passado, e de alguma forma ainda não existe plenamente.

Não podemos negar que muitos avanços em relação a esse problema ocorreram; entretanto, os casos dessa natureza parecem aumentar, mesmo que ainda de forma parcial se recorra, hoje em dia, a muitas técnicas de mediação, além do fomento de informações esclarecedoras sobre o tema.

Outrora, havia em nosso meio, um maior “controle social”, onde valores morais e famílias melhor estruturadas conseguiam melhores resultados na preparação de seus filhos para lidar e conter essas manifestações, mesmo que em meio a muita restrição material, o que não quer dizer que o Bullying não estava presente e muito incomodava, como um ente inominado, que todos pressentiam e buscavam, a seu modo, qualificar. De uma maneira geral, ele era percebido como nocivo, uma disposição para dar vazão a instintos primitivos de “poder sobre o outro”, que se manifestavam distorcidamente e alimentavam a perversidade de mentes ainda em formação. No caso do adulto, esse que tinha uma consciência mais amplificada sobre o fenômeno, os efeitos aconteciam de forma semelhante; contudo, a identificação e a repressão a ele era mais veiculada e praticada.

Portanto, conclui-se que, mesmo contando com a denominação de um fenômeno antes inexistente conceitualmente e a ele atribuindo vital importância dentro das relações sociais e, além disso, contarmos com uma gama de recursos para combatê-lo, hoje em nosso país, nós o presenciamos enfaticamente, suscitando a necessidade do fomento de políticas públicas efetivas para o seu enfrentamento.

Não nos basta mais simplesmente reconhecê-lo como existente, enquadrá-lo conceitualmente e conhecermos técnicas para suprimi-lo. É preciso, de fato, enfrentá-lo como um caso de saúde pública e inerente ao universo educacional em nosso país.

Referências

PEREIRA, B. O. et al. (2015). Prevenção do Bullying no Contexto Escolar: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção. In: PEREIRA, P.; VALE, S.; CARDOSO, A. (Coord.). **Livro de Atas do XI Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde (SIEFLAS)**. Perspetivas de Desenvolvimento num Mundo Globalizado. Porto: Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto, 2015.p. 535-544.

REIS, A. P. A. dos et al. As consequências do bullying nas escolas e o papel fundamental da comunidade escolar para intervir e solucionar esse problema. **EDUCERE - Revista da Educação**, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 101-109, jan./jun. 2016.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P.; AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. Bullying e a negação da convivência ética: quando a violência é um valor. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 7, n. 1,p. 315-322, 2014.